

RN
EX. SP

Domingo, 9 de Setembro de 1956

RUBEM BRAGA

O RIO

MAS recolho, em Cachoeiro, uma grande melancolia: minha terra está secando. Este último meio de ano até que foi dos melhores ultimamente: houve chuvas, os pastos estão verdes, e meu amigo Gil Gonçalves, inspetor da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, que vive a correr essas fazendas e sítios, tem esperança de que as coisas na lavoura andem bem.

Mas a seca de que falo não é um problema anual. É uma desgraça que vem vindo devagar e sempre: os cursos d'água estão mirrando, e alguns já sumiram. Adelson Moreira levou outro dia os filhos a passar uma tarde de sábado junto ao córrego do Itabira. Esse córrego frio e cristalino, de água puríssima, que nascia junto à grande pedra, é uma das lembranças líricas da minha infância, e seguramente, também, da infância de Adelson. Lembro-me de que há uns vinte e tantos anos houve um prefeito que teve a idéia de canalizar aquela água tão leve e limpa, trazê-la até nossas torneiras. Pois ele secou...

Nasci a dez metros da margem direita do córrego Amarelo, e a menos de cem metros da margem direita do rio Itapemirim, onde ele se lança. Mudei depois para a margem esquerda do córrego; e uma grande parte de minha infância foi passada ali, a pescar piabas, carás, bagres, moreias, camarões e lagostins, às vezes até mesmo um picuzinho vermelho que entrava pelo córrego; o Amarelo foi nosso primeiro amigo de infância, só depois sumimos pelo rio e pelo mar. Um pouco acima de nossa casa estava o açude que ele formava e para onde a gente escorregava do alto do morro em tôlhas de pita. Fui visitar esse amigo remoto e querido: está ignóbil. Cortou-me o coração ver aquele fiozinho indeciso de água, a pobre laminha que é quase apenas um esgôto aberto para as casas das margens. Uma daquelas eternas italianas que têm sua lavoura e criam suas galinhas lá para cima do Amarelo contou a um amigo que tinha sido obrigada a cavar uma cacimba no leito do ribeirão...

Mas para que procurar os córregos da infância? Aqui está nosso rio, dividindo a cidade, cruzado por cinco pontes. Ele era navegável até Cachoeiro (o primeiro trecho encachoeirado) e ainda ressoam no fundo de minha infância os apitos dos vaporzinhos «São Luís» e «São Simão». Ah, como está velho, quanto mirrou seu belo corpo de água, que imenso esqueleto de pedras ele expõe ao sol! Ele é o nosso rio, a razão de nossa existência como cidade; nascemos dele e dele vivemos. Agora o pobre ainda dá água para nossas casas, mas nem aguenta mais dar toda a luz e energia de que precisamos. Vejo do lado Norte uma construção estranha: me explicam que é uma usina a óleo, que veio ajudar com sua força o pobre rio desmerecido. Algumas de suas ilhas não são mais ilhas — amarga-me na boca a doçura dos ingás de antigamente...

Sei que não é Cachoeiro, não é o sul do Espírito Santo, é muito pior, é o Brasil que está secando. Discutam vocês o problema; eu, por mim, apenas resmungo minhas pobres melancolias.